

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: PIX-BR 80 401
Data: 29.11.71 Pg.: _____

Índios duelam com operários e prometem luta contra a estrada

Goiania (Correspondente) — Um ultimato, um furto e um tiroteio, com o agravamento da tensão na área, provaram há duas semanas que os índios do Xingu não aceitaram ainda a estrada que o Ministério do Interior, através da Sudeco, está construindo entre Xavantina e Cachimbo, no traçado da BR-80, Brasília—Manaus.

Vinte Txukarramaes (caiapós), em três canoas, orientados pelo chefe Moicá, atacaram no último dia 8 o almoxarifado da firma construtora e levaram para a aldeia principalmente sabonetes e anzóis, mas também a chave do avião Bonanza e a pequena lancha do acampamento, informando que continuarão as hostilidades enquanto as máquinas continuarem espantando sua caça.

— O barco nos levou porque não gosta da estrada — justificou-se depois Moicá ao barqueiro Manuel.

Nova consciência

Os índios do Xingu, principalmente os 400 Txukarramaes, assumiram uma nova consciência em face do problema da construção da BR-80, que eles haviam permitido ao acatar o decreto presidencial que reduziu a área do parque, para viabilizar o projeto rodoviário. As reações iniciais eram apenas as dos irmãos Vilas-Boas, que mencionaram os perigos de um relacionamento intenso entre os índios e os civilizados. Mas, agora, embora tranquilizados por Cláudio Vilas-Boas, os silvícolas se rebelaram contra a construtora, alegando que o barulho das máquinas, na floresta e nos rios, afugentou a fauna, tornando infrutíferas as atividades de caça e pesca.

O diretor do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, sertanista Acari Passos, passou as duas últimas semanas no Xingu e voltou impressionado com o animo dos txukarramaes, observando que eles agora têm uma consciência muito aguda das consequências da construção da estrada. Está convencido de que a qualquer momento se instalará um estado de hostilidades na área, através de choques entre índios, trabalhadores da estrada e talvez vaqueiros das fazendas regionais. "Nas atuais circunstâncias", observou Acari Passos, "nada agora é impossível."

Informou o sertanista goiano que Cláudio Vilas-Boas está trabalhando intensamente

para apaziguar os ânimos. Lembrou que na última semana, recebendo um grupo de índios, Cláudio pediu-lhes paciência, informando que logo as máquinas irão embora "e todos poderão caçar e pescar à vontade." Mas um índio retrucou e Cláudio não teve resposta:

— Mas quem garante que as caça volta depois das máquinas?

Nôvo conflito

A tensão na área vem desde o lançamento do projeto da estrada, em maio do ano passado. Mas o engenheiro-residente da Construtora Coterra S/A, Hélio Martins Ribeiro, de 28 anos, diz que nunca teve medo, exceto no último dia 8. Os 20 índios chegaram, quase todos armados, e pediram alojamento para pernoite. Antes do amanhecer, abriram o almoxarifado e apanharam o que bem entenderam: anzóis, linhas, sabonetes e bolachas. Passaram pelo campo de pouso e levaram a chave do Bonanza monomotor, embarcando tudo na pequena lancha com motor Arquimedes, de propriedade da empresa. Manuel, Javaé (não é índio), Francisco Canindé e Mencionano foram buscar os objetos de volta: o grupo foi recebido pelos indígenas à bala, fazendo-se um tiroteio que durou pelo menos 15 minutos, mas do qual todos saíram ilesos.

A perspectiva de uma conflagração total se definia quando a intervenção do sertanista Cláudio Vilas-Boas resolveu o problema. Chamado às pressas pela Sudeco, a cuja direção a Coterra se queixou, Vilas-Boas chegou com dois guardas rurais indígenas ao acampamento e impôs a trégua. De barco, foi à aldeia e trouxe de volta a chave do monomotor Bonanza e o barco, dizendo a Moicá, na aldeia, e ao engenheiro Hélio, no acampamento, que não tolerará guerras na região, pois deseja ver pacificamente observados os novos limites do Parque Nacional do Xingu, estabelecidos por decreto presidencial do ano passado.

Todos concordaram, mas a tensão se mantém. Hélio continua a dizer que não tem medo, mas está certo de que, "como as coisas vão, não é improvável um choque maior, talvez com mortes." Felizmente, para o pessoal da construtora, a estrada avançou muito nos últimos 18 meses de trabalho na selva e nos próximos meses o acampamento, com os seus

140 homens, será transferido para o Quilômetro 400, nas margens do rio Peixoto de Azevedo.

O começo

A tensão aumentada e o último conflito nasceram de uma pescaria. Manuel Lôbo, diretor administrativo da Coterra, levou 12 amigos para pescar nas proximidades do acampamento, precisamente na confluência dos rios Xingu e Aualá-Missu, no dia 1.º de setembro. À tarde, chegaram 27 índios com pintura de guerra, 24 dos quais armados de revólveres, carabinas e espingardas e três com arco e flexa.

Raiomi, o txukarramae chefe do grupo, mandou desmontar o acampamento de pescaria, mas depois do jantar oferecido pelos pescadores levou seus guerreiros de volta. De qualquer modo, o acampamento foi desfeito no dia seguinte por ordem de Cláudio Vilas-Boas, que escreveu aos pescadores para dar o ultimato, supondo tratar-se de uma tentativa de ocupação da área:

— Encareço a conveniência de evacuação imediata. A contrariedade dos índios, plenamente justificada, leva-me a esta advertência.

Disse mais, na carta, que os 400 txukarramaes da área não admitem qualquer atividade dentro de seus limites territoriais e assinou como "chefe da base operacional do Diauarum", setor Norte do Parque Nacional do Xingu.

A informação de Vilas-Boas é verdadeira. Os txukarramaes são 400, em duas aldeias às margens do rio Xingu, em posições opostas ao acampamento da Coterra, a uma distância de 25 quilômetros da Estrada Xavantina BR-080. Só se vestem quando há visitantes, ou quando saem da aldeia para ver civilizados. Raramente pescam, mas caçam sempre, mantendo pequenas roças de mandioca, arroz e milho. São índios de grande tradição guerreira, sempre dispostos à guerra quando se lhes toca as mulheres. Um dia acusaram vaqueiros da Fazenda Agropexim de cobiçar uma índia: houve tiros e reclamações. As relações entre os vaqueiros regionais e os índios fazem uma ameaça permanente de conflito e não é impossível que, mesmo com a saída dos trabalhadores da estrada, a qualquer momento o Norte do Xingu se conflagre.